

MEMÓRIAS  
DO  
INSTITUTO OSWALDO CRUZ

---

Tomo 49

Março de 1951

---

**Alcides Godoy**

“Il n’y a point au monde un si pénible  
métier que celui de se faire un grand nom;  
la vie s’achève que l’on a à peine ébauché  
son ouvrage”.

“Caractères”.

J. DE LA BRUYÈRE

ALCIDES GODOY nasceu na cidade de Campinas, em 7 de Janeiro de 1880. Esta cidade, como muitas outras, brasileiras, surgiu em época remota, quando as bandeiras saíram de São Paulo, em procura das Gerais e Mato Grosso.

A povoação de FRANCISCO BARRETO LEME crescera muito. A freguesia da Senhora da Conceição de Campinas e depois Vila São Carlos, transformára-se na mais bela e progressista cidade da província de S. Paulo. A imponência da vida rural refletia-se na cidade. Basta olhar nas “Velhas Fazendas Paulistas” a grandeza da “Casa Grande”, para se ter a certeza da vida de conforto, e mesmo luxo, daquela gente.

Penetrámos, de uma feita, num desses velhos casarões, típicos da era colonial, com imensos salões, capela, numerosos quartos, casa de máquinas, etc., no tampo de uma pequena colina de onde se divisava amplo horizonte. Nítido e claro, pareceu-me ainda rever dentro daquelas paredes o sopro da vida patriarcal e sadia de tempos idos. Se bem que o solo ubérrimo da terra roxa se prestasse a tôdas as culturas, era, à princípio, a plantação da cana de açúcar que reinava naquelas paragens. O café veio depois e, já em 1820, dominava a lavoura daquela zona, onde o braço escravo contribuía para os resultados realmente alentadores obtidos.

Em 1880, Campinas tinha 40.000 habitantes, e o município, mais de vinte milhões de pés de café, afóra uma robusta cultura de cana.

Desde 1852 o colono italiano ali penetrou, pela mão de um grande fazendeiro, VISCONDE DE INDAYTUBA, na Fazenda das Sete Quedas. Em breve, a colonização italiana dominava de certo modo as fazendas, na proporção de 4 para 1 escravo negro. Esta riqueza, é claro, trouxe a Campinas um paralelo progresso cultural. Fundaram-se escolas, giná-

sios, jornais, bibliotecas, hospitais, igrejas, sobressaindo entre estas a Matriz, considerada hoje como um dos principais templos do Brasil, pela grandeza e beleza arquitetônica. Freqüentes eram as viagens da mocidade abastada aos centros cultos da Europa.

Em 1870, a cidade tomava enorme incremento. As Companhias Paulista e Mogiana de estradas de ferro chegavam àquele rincão. Houve iluminação pública feita pelo processo de gás, bondes a tração animal. Nítida era a rivalidade, já sentida há tempos, entre a Capital da Província e a bela Campinas do "Labore, virtute, civitas floret".

Em 1865, A. E. DE TAUNAY, em carta à família, confirmava a superioridade de Campinas nos belos edifícios, na sociedade acolhedora, no encanto da mocidade feminina.

A Capital da Província ainda não saíra do ciclo dos trovadores para o dos trabalhadores. O milagre da capital bandeirante viria depois...

Foi no meio dêsse progresso e vida estuante que nasceu ALCIDES GODOY. Como quase tôdas as famílias abastadas, seus pais eram fazendeiros. Chamavam-se FRANCISCO XAVIER DE MORAIS GODOY e ANA PUREZA DE CAMPOS GODOY, de cujo matrimônio nasceram mais cinco filhos, ADOLFO, ARTUR, AUGUSTO, AMÉLIA e AVELINO, dos quais somente sobrevivem os três últimos. E' família de tronco antigo, pois em 1797 encontramos, encabeçando um repto ao governador da Província pedindo a elevação da freguesia a vila, um senhor ANTÔNIO MENDES DE GODOY. Aliás, êsse pedido seria mais tarde coroado com a transformação em cidade, em 5 de Fevereiro de 1842.

A vida do menino corria feliz, entre os folguedos da cidade e a vida na fazenda, farta e acolhedora. Em breves anos, sentiria, porém, a verdade da sentença de Sêneca: "Nulla sors longa est dolor ac voluptas invicem".

Aos nove anos de idade, viu a cidade entristecer-se com o aparecimento da epidemia de febre amarela. Esta doença, mais tarde, serviria às experiências celebres de ADOLFO LUTZ e EMILIO RIBAS.

O surto amarílico daquela época só muito depois foi dominado.

Em 1880 já havia em Campinas quatro colégios, sobressaindo o "Culto à Ciência", no qual, um dia, ALCIDES GODOY estudaria os preparatórios.

A "Princesa do Oeste" havia já visto nascer em seu solo ubérrimo CARLOS GOMES, CAMPOS SALES e FRANCISCO GLICÉRIO. A sua nobreza espiritual e moral constituía uma ilha na província bandeirante. Teria também de ver nascer, em ALCIDES GODOY, uma das mais altas expressões da cultura médica em nosso país e, sobretudo, um brasileiro benemérito. Ainda nêle, naquele ar distante, naquele firme retraimento, naquela altiva cabeça, sentíamos ainda vivo e quente o sangue dos nobres campineiros de outrora. Filho de abastada família, sentiu em breve o moço, por um dêsses golpes de destino, o travo da pobreza. Sem meios para continuar os estudos, recorreu o rapaz à música, arte da qual era apaixonado cultor. Fez parte, como "flautista", da Com-

panhia LÍRICA de EMÍLIO BILORO, percorrendo o Brasil inteiro e, mais tarde, penetrou no sertão com as novidades dos primitivos cinemas que então apareceram, ganhando dêsse modo a subsistência. Teve o auxílio, porém, de mão generosa da família TEIXEIRA DE CAMARGOS CAMPO, e pôde assim, após ter interrompido dois anos de estudo em Salvador, na Bahia, ir para o Rio de Janeiro continuar o curso médico.

No Distrito Federal, foi êle residir na “república” de estudantes à Rua do Riachuelo, tendo encontrado entre os goianos verdadeiros e leais amigos. Foi por esta época que se revelou lutador de têmpera rija e nobre, o caráter firme do filho de Campinas que, com os fracos proventos de seu cargo, manteve as cinco pessoas estremecidas no seu próprio lar.

Em 1902 nós o vemos auxiliar-acadêmico da antiga Diretoria de Saúde Pública Federal, na campanha contra a febre amarela e trabalhando na Santa Casa, com ANTÔNIO AUSTREGÉSILO.

Em 1903, formando-se em Medicina, recolheu-se, com HENRIQUE ARAGÃO, à família de Manguinhos, da qual só se afastaria com a morte, em 1950.

Da sua atribulada vida de solteiro, não lhe ficariam saudades. Casou-se mais tarde com a Senhora D.<sup>a</sup> DULCE LEITE DE CASTRO GODOY. Dêste casamento teve 2 filhos: OSWALDO — químico industrial e MARGARIDA MARIA — exímia pianista.

Na “Casa de Oswaldo”, galgou todos os postos, de auxiliar em 1903, assistente em 1907, biologista da classe “N” e professor da classe “O”, pela última reforma do Instituto Oswaldo Cruz, em 1949.

Na fazenda velha do Instituto Soroterápico de Manguinhos, ou na feitura do majestoso edifício que é o atual pavilhão central do Instituto Oswaldo Cruz, Godoy se revelou de um espírito atilado, original, renovador e profundo, que conservou até o fim da sua vida. O mecanismo das estufas, a fabricação da água destilada, o funcionamento das autoclaves, a macro e micro-fotografia, as balanças, os novos aparelhos de pesquisa e dosagens, o preparo dos meios biológicos de cultura, tiveram sempre no mestre um conselheiro avisado, se não um renovador seguro, naquele magnífico “Manguinhos de outrora”. A Escola de Oswaldo Cruz muito deve ao seu enciclopédico saber.

ALCIDES GODOY não era um didata perfeito. Os pensamentos, sempre elevados, não eram expressos por êle com a clareza dos seus conhecimentos. A palavra não lhe era fácil e, para a explanação de um problema de pesquisa, dava, não raro, pela rapidez das deduções, o comêço e o fim da questão, deixando ao principiante a descoberta do resto. Possuía, todavia, essa qualidade rara — a originalidade da pesquisa.

Para o progresso real da ciência, não basta cultura vasta e profunda, não é suficiente conhecer com pormenores tôdas as técnicas, passadas e presentes, e muito menos trazer no cérebro êsse amargo cepticismo dos vencidos. E’ indispensavel possuir, além de tudo aquilo, entusiasmo, inabalável fé na ciência e, principalmente, esta faceta

rara do espírito, de ver claro onde os demais se debatem nas trevas; de encontrar a verdade nova, onde quase todos só pressentem os desenganos. E' essa qualidade excepcional da inteligência que permitiu a um CARLOS CHAGAS, retirar da mata virgem de doenças tropicais, que era Lasance em 1909, a componente nova da tripanossimíase americana. Era essa mesma chama que alumia o talento de ALCIDES GODOY, como de um ADOLFO LUTZ, para não falar senão de alguns mortos da escola de Manguinhos.

Um dia, lá pelos fins de 1908, terminado o curso de aperfeiçoamento, fui convidado pelo fundador de Manguinhos, através de CARLOS CHAGAS, para a feitura da tese de doutoramento dentro daquele Instituto. Foi-nos dado um assunto vasto, sendo necessário recorrer à cinética química e, através da matemática superior, resolver o problema básico dos nossos trabalhos. Foi então que, tendo como guia ALCIDES GODOY, pude, com mais íntimo contato, conhecer o brilho daquela inteligência peregrina e a beleza daquele discreto coração. No fundo daquele frio calculista, não me foi difícil divisar também a alma do místico.

Já no ocaso da vida, parecia dizer o "Nunc dimittis servum tuum, Domine".

GODOY não era um prolixo publicista. Deixou pouco mais de duas dezenas de trabalhos e, todavia, disse EZEQUIEL DIAS, quando estudou com serena justiça e elevado estilo o Instituto Oswaldo Cruz:

"Mas a primeira descoberta sensacional, uma descoberta de incalculável importância, não só para a vida do Instituto como também para a riqueza pública, deveria surgir em 1906, quando se obteve a inigualável vacina contra o carbúnculo sintomático, vulgarmente conhecido pelos nomes de "peste da manqueira", "mal de ano", etc.". E mais adiante: "Se é que ainda há quem ignore o que essa invenção representa, basta referir que, antes do advento desse produto, eram os nossos melhores rebanhos bovinos dizimados na proporção de 80 a 90% dos bezerros nascidos anualmente. A vacina de Manguinhos — autêntica maravilha de laboratório — vinha restituir ao patrimônio nacional a totalidade dos novilhos imunizados contra a letífera enzootia."

DELFIN MOREIRA afirmava: "Se nós somos um país exportador de carne, devêmo-lo a Manguinhos. Dêsse infalível produto, tirou OSWALDO CRUZ, na época da pobreza daquele grande Instituto, o necessário para a sua biblioteca, para as pesquisas, para o contrato de funcionários técnicos, enfim, todos os meios de progredir e realizar."

"E tudo isso, disse o professor EZEQUIEL DIAS, se deve a um dos seus assistentes de maior valor intelectual e moral: deve-o a ALCIDES GODOY que, para coroar o feito brilhantíssimo, teve um gesto de puro e nobre altruísmo, dando o privilégio do seu invento à Casa de que é filho, pelo coração e pelo caráter. Bem merece ser apontado com respeito e carinho o nome do jovem sábio brasileiro, em cuja vida não rareiam ações dignas de memória".

De "Manguinhos de outrora", foi o penúltimo que partiu...

O Instituto Oswaldo Cruz, que êle, com ânimo e ação eficiente, ajudou a fundar, rende à sua memória, um preito de sincera saudade.

OCTAVIO DE MAGALHÃES

RELAÇÃO DOS TRABALHOS PUBLICADOS PELO DR. ALCIDES GODOY

- 1 — "Sôbre um novo processo de vacinação contra o carbúnculo sintomático".  
— Memória apresentada ao 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia. (Com FARIA, J. GOMES DE).  
Rev. Med. de S. Paulo, ano 11:338, 1908.
- 2 — "Sôbre a peste da manqueira".  
A Lavoura. Boletim da Soc. Nac. de Agric., 1909, ano 13:293.
- 3 — "Sôbre a ultrafiltração. Pesquisas tendentes a obter a concentração do sôro anti-diftérico". (Com GIEMSA, G.).  
Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1909, T. 1:3.
- 4 — "Multiplicação das bactérias em cultura. I — Constante de velocidade de multiplicação".  
Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1909. T. 1:81.
- 5 — "Aplicações práticas das teorias de imunidade".  
Brasil Médico, 1911, ano 25:1.
- 6 — "Relatório sôbre imunidade. Apresentado ao Congresso do Rio de Janeiro".  
Brasil Médico, 1911.
- 7 — "Nova vacina contra o carbúnculo sintomático".  
Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1910, T. 2:11-21.
- 8 — "Estudo quantitativo sôbre a germinação dos esporos".  
Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1910, T. 2:126.
- 9 — "A Peste da Manqueira".  
O Criador Paulista, 1910, ano 5:835.
- 10 — "Uma simplificação ao processo gravimétrico. Pesagem dos precipitados no estado úmido".  
Brasil Médico, 1912, ano 26:1.
- 11 — "Sôbre uma variante do processo gravimétrico. Simplificação do processo. Processo picnogravimétrico".  
Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1912, T. 4:136-153.
- 12 — "Sôbre a determinação da acidez urinária".  
Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1913, T. 5 : 256.
- 13 — "Sôbre um novo higrômetro".  
Brasil Médico, 1916, ano 30:242.
- 14 — "Um novo higrômetro (2.ª nota prévia)".  
Brasil Médico, 1917, ano 31:283.
- 15 — "Cauleryella maligna n. sp. schizogregarina patogênica para Cellia allopha LUTZ e PERYASSU". (Nota prévia). (Com PINTO, CEZAR).  
Brasil Médico, 1922, ano 36:46.

- 16 — “Estudos sôbre malária no município de Campos”. (Com PINTO, CEZAR).  
Bol. Soc. Flum. Med. e Cir., Campos, ano 2:68.  
Brasil Médico, 1923, ano 37:29.
  - 17 — “Da presença dos simbiontes nos Ixódidas”. (Com PINTO, CEZAR).  
Brasil Médico, ano 36:335.
  - 18 — “Nouveau mode de préparation du petit-lait de PETRUSCHKY”. (Com  
PACHECO, G.).  
C. R. Soc. Biol., 1924, T. 90:243.
  - 19 — “L'influence de la gélatine sur la production de la toxine diphthérique”.  
C. R. Soc. Biol., 1926, T. 95:998.
  - 20 — “Action d'un noyau de l'oxy-amino-quinoléine sur les gamètes et les  
sporozoites de l'Halteridium du pigeon”. (Com LACORTE, J. G.).  
C. R. Soc. Biol., 1928, T. 98:617.
  - 21 — “Fatos novos sôbre a biologia dos culicídeos e suas aplicações à luta  
contra a malária”.  
Annaes 2.º Congresso Bras. de Hyg., B. Horizonte, 1924, T. 1:307.
  - 22 — “Comunicação apresentada à Sociedade Brasileira de Biologia”. (Sessão  
de 24-4-1929). (Com GONÇALVES, N. B.).  
Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1929, Supl. 7:100.
  - 23 — “Sur les anophelines que transmettent le paludismo au Brésil”. (Com  
LOBO, A. et CRUZ FILHO, OSWALDO).  
C. R. Soc. Biol., 1931, 105:731.
  - 24 — “Armadilhas para mosquitos”. (Com BOTAFOGO, G. N.).  
4.ª Conf. Sul Amer. Hyg. Microb. e Patol., Rio, 1929, vol. 1:865.
  - 25 — “Estudos bacteriológicos sôbre a diarréia ou pneumoenterite dos bezerros  
publicado no memorial descritivo para obtenção da patente n.º 9.564”.  
(Com MACHADO, ASTROGLDO).
  - 26 — “Processo de preparação e emprêgo de uma nova vacina contra o car-  
búnculo bacteriano. Memorial descritivo para obtenção da patente  
n.º 9.981”. (Com MACHADO, A.).  
Diário Oficial, Rio, 1919, 2 de julho, p. 8720.
-